

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Astronomia politica



Passou como um meteoro!



PALESTRA AMENA

CENAS INFANTIS

Outro officio

«Outro officio» não está bem: um officio, é que queriamos dizer, na missão que impuzemos a nós proprios, de não termos papas na lingua, quando julgamos que tal franqueza é necessaria ao bem do publico, em geral, e de quem nos lê, em especial.

Queremos dizer, leitor amigo, que se não tens um officio e ainda estás em idade de o aprender, aprende-o; e se tens filhos a educar, primeiro que os habilites com varios, custosos e ás vezes inuteis cursos, ou de preferencia, debes mandar-lhes ensinar um officio manual — e isto por diversas razões, que estás adivinhando, mas que vamos expôr como se fosses branco ou não tivesses a coragem de confessar a verdade.

Ha muitos anos, e não só agora, que um officio é tido como coisa honradissima; personagens de alta fidalguia — os imperadores da Alemanha, para não irmos mais longe — aprendiam um officio; por ter aprendido um officio, Pedro o grande, da Russia, pôde engrandecer a sua patria, e um officio, o de carpinteiro tinha S. José. varão insigne e pai de certo cidadão, que, digam o que disserem os livres-pensadores, foi um dos revolucionarios a quem a humanidade deve algumas das assinaladas conquistas de que ainda hoje está gosando aprazivelmente. Durante muito tempo fingiu-se que se desconheciam esses grandes exemplos ou d'elles se desdenhava, dando-se a primazia a quem não tinha officio, desatino pouco de admirar da parte de quem chegou a ter como deshonroso o saber lêr e escrever, prendas só proprias da plebe. Ah! mas os tempos mudaram, leitor amigo: descortina-se uma sociedade nova, em que a deshonra e o desprestigio consistem em não se ter officio nenhum, em gastar sem produzir, em gosar o que outrem ganhou, ao passo que quem applica as suas faculdades naturais em fabricar utilidades é que é alvo da consideração geral, é que merece o pão que come, é que tem direito a gosar.

Depois, se teus filhos tiverem um officio manual — que não exclue o trabalho intelectual, porque aquele não pode existir sem este — lembra-te do quanto eles pouparão! Imagina que a natureza te confiou quatro rebentos, tres rapazes e uma rapariga, por exemplo: se mandares ensinar o primeiro a alfaiate, o segundo a sapateiro, o terceiro a chapeleiro e a pequena a cosinheira, que dinheirão entra em casa, n'uma época em que a mão d'obra leva coiro e cabelo! Isto não falando em officios de menos difficuldades e cuja aprendizagem bem podem acumular-se com a d'aqueles; assim, todos os rapazes podem aprender a barbeiros, para, ao menos, fazerem a barba a si proprios, e a pequena pode aprender a



- Tu não tens um irmão pequeno?
— Não.
— E tambem não tens uma irmã pequena?
— Tambem não.
— Então, em quem bates tu?

fazer os seus chapéus e os seus vestidos...

Que dizes á idéa? Ocorre a qualquer, bem sabemos, mas não é d'isso que se trata: é de o pôr em pratica, e assim teremos meio resolvido o problema social, como se faz mister.

J. Neutral.

Grêve dos veterinarios

Sabem vossorias quem está em grêve n'uma importante povoação da visinha Espanha? Os veterinarios.

— Mas que temos nós com isso? dirão vossorias.

Nada, é claro, porque não são espanhóis nem animalijos, mas o acontecimento apresenta uma tal ou qual novidade, collocando-o, pois, sob o dominio das nossas observações critico-criativas.

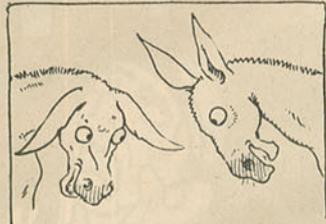
Encaremo-lo segundo os varios pontos de vista por que pode ser encarado:

1.ª — E' uma grêve que nunca pode ser solucionada a favor dos grevistas, porque os principais interessados — as bestas — são d'uma casmurrice proverbial e jámais lhes entrará nos cascos a idéa de que os veterinarios teem a razão por seu lado.

2.ª — E' uma grêve perigosissima para os grevistas, porquanto se arris-

cam a apanhar dos doentes o seu coice ou a sua mordedura, logo que se descuiderem,

3.ª — Embora seja de alguma utilidade, a classe veterinaria está longe de corresponder ás necessidades da bicharada, porquanto só em limitadissimo numero de doencas intervem, tais como: a pulmoeira, a matadura, o mormo e poucas mais. Quanto a cirur-



gia, a sua intervenção ainda é mais rara; o veterinario é incapaz de, por exemplo, concertar a uma formigã uma perna quebrada, fazer a operação da catarata a uma pulga, a do trepano a um percevejo, etc.

De aí, a indiferença pela grêve. E se não, ver-se-ha que, por mais que se prolongue, não provocará o minimo movimento de protesto; aos bichos tanto se dá que os homens estejam em grêve, como não.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ametade d'um anjo:

Nom ceí cuma dianho u Arnesto Rudrigues i us ceus amigos Feles Bramudes e João Bastos çoiberam da istoira do nõço primo João Ratão cando veio de Paris de Fransa i a fedalguinha ce apaxonou por ele qui inté ele estava pra nan casar com a filha du regidor; nanja eu que les cuntace, mas alguem le dice de manêras que pespiçaram com tudo p a pa santa justa nu triatro da Avenida uma noite d'estas i aquilo foi um nunca acabar de gragalhadas i palmas! Alembraсте du nosso carnero que desapareceu puchado por uma alma du outro mundo? pois já ceí quem era u raio da alma: era u çancristão i iscusas de dar mais vellas de sera ao san paio, que em eu indo a Peras Ruivas dou uma cossa nu ditto çancristão i ade pór práli carnêro cum paus i tudo cenão léva-o mel diabos.

Ora agora u que eu axei munto feio foi us ótores fazerem ca mana do sôr giniral amustrasse as pernas i que façam trossa du sôr giniral que é um ome munto respeitavle, i mais nan gostei ca Raquel de barros dece em crocote nem acradito niço purque pur mais que ela quizesse fingir bem ce via que é cinhora ceria; çalvo ceja inté me parece ca sinhora Satanela istava mais a calhar pró papel pur cer mais desinvolta i descarada triatralmente falando; lá pra fedalguinha de 18 anus com aquela sintura i aquela groçura touda é que tó caroxo; infim, ce tem trucado us papeis a Raquel i a Satanela nan se tinha predido nada.



Isto já ce çabe ção óservações sem impurtansia pur que u impurtante em tudo aquilo é çó o João Ratão é ele parcia u lá de Peras Ruivas iscrito é isarrado. Aquilo é qui é arrepersintar ben que inté desia os ss ó modo lá du norte purque como çabes u João Ratão veiu du norte em piquinino i ainda traz u asiento afurrado. Que me alembre uns ss açim çó nos çabe dezer u Robles Muteiro que nunca vi ninguem que emita com mais prefeisção a tal prenunsia.

Pur oje nan çou mais estenço é prá oitra vez te falarei nas oitras pesças que a qui tem avido i que nan te digo mais nada cenão que uma é du Cháque-espira i que, cigundo dis u cartaz, tem 200 costumes du Castelo Branco,

que inté dá vontade de dizer: custumes tinha a çua visavó!

Adeus, inté breve, porque pruvavelmente vou a Cuimbra na insursão dus jornalistas é dou uma çaldada a Pêras purque tenho tinção de me apiar em Xão de Massãs. Plo çim plo não manda á istação u jimento nu duminga i lá plas 4 oras se oivires zurrar na istrada de Orem é este teu marido que a te vida te deseija inté ó dia de juizo.

Jerolmo,
Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Turismo

Temos presente a correspondencia de duas pessoas importantes, uma portugüesa, outra estrangeira, que nos parece de flagrante auctoridade. Basta que publiquemos alguns trechos das cartas do nosso patricio, para se julgar da sua importancia.

"... Sim, meu caro amigo, á sua pergunta sôbre se pode trazer o seu automovel para visitar os pontos mais pitorescos de Portugal, respondo que sim — se quizer experimentar a sensaçõ de fazer a jornada de automovel puxado por uma junta de bois. As estradas portugüesas estão maravilhosamente preparadas para essa viagem inedita: em cada 100 kilometros ha um ou dois de estrada bem nivelada, por acaso, e por consequencia monotona para o viajante. Os restantes 98, porém, resgatam tiunfantemente a sensaboria do nivelamento e o pneumático mais estupidamente existente não resiste..."

"... Quanto a hoteis, querido amigo, esteja desencanado porque não tem a reccar a falta de imprevisito. Vá preparando o estomago para o goso das digestões dificeis, ou antes das indigestões, o que deveras o deve encantar. Ha lá nada mais idiota do que assi-

*O Poincaré (com ativez o digo)
Recorreu muita vez ao meu talento:
Se precisar não tenha acanhamento,
Pode, quando quizer, contar comigo.*

*Agora, que passou todo o perigo,
Saiba que em mais d'um critico momento
Quem deu á França vida e luzimento,
Foi este seu criado, meu amigo.*

*Se não me consultar, como imagino,
Não chega nunca a ser um grande vulto,
Tal como aconteceu ao Bernardino*

*A quem eu tanto disse—pobre estulto!—
Que quem muito se abaixa perde do tino,
Encontra o que convem que traga occulto...*

BELMIRO.



"...Jogo não lhe faltará, não sehor. Depois d'um dia bem passado, a vomitar, tem por onde escolha: dados com mercurio, cartas marcadas, roletas falsificadas, tudo o que mais facilmente o pode aliviar das incomodativas libras que trouxe... Venha, pois, meu bom amigo, e traga a sua familia..."

Correspondencia

Escreve-nos um amigo que muito presamos, dizendo que os versos nefelibaticos que publicámos n'esta secção. «Cartevais, anadeis», etc., são do illustre e malogrado poeta Luis Calado Nunes. Ignoravamos isso e decerto o ignorava tambem quem os remeteteu ao *Seculo Comico*, o sr. G. P. A revelaçõ do dito nosso amigo, grande admirador e intimo de Calado Nunes não nos surpreende, porrém: Calado Nunes foi um dos primeiros humoristas do nosso tempo, como os leitores do *Seculo Comico* teem vïsto, pelo que d'ele temos publicado.

Por um triz



Jesus Barros Cristo Queiroz:
—Safa! De que peso eu me livre!